

A Imagem do mundo de acordo com os cristãos II.

Passo a considerar a metade ocidental do Imperio Romano no momento do nascimento do cristianismo, aquela metade que foi, mais tarde, chamada o mundo latino. Trata-se, em comparação com a metade oriental, de um mundo novo. As civilizações da bacia oriental do mediterraneo são tão velhas, ou quase tão velhas, quanto a historia da humanidade, mas o ocidente mediterraneo e as terras mais ao norte que com ele formam um todo, entraram dentro da luz do larol da historia poucas centenas de anos antes do nascimento de Cristo. A Italia e a Iberia, a Gallia e a Britania, a Germania e a ultima Thule, eram, havia poucas centenas de anos, terras pouco conhecidas, habitadas por tribus semi-barbaras ou inteiramente barbaras, e fracamente colonizadas por gregos, fenicios e judeus. Tudo isto tinha radicalmente mudado, e o que era a periferia do mundo, o que beirava com o abismo do inferno ocidental, com as pilares de Herakles, se tinha tornado centro, pelo menos no sentido politico da palavra. O oeste mediterraneo era, para os antigos, um novo mundo em uma medida muito maior de que a America é um mundo novo para a nossa era. Nós, ao olharmos para trás, estamos tentados em fazer paralelos entre Roma e Washington, entre Massilia e Buenos Aires, entre Lutetia e São Paulo, e é um lugar comum a comparação entre a Europa moderna e a Grecia antiga. No entanto, esses paralelos são, creio eu, inteiramente falsos. A Italia, a Gallia, a Germania eram paizes e civilizações realmente novas. Tinham surgido das penumbras da barbarie para a luz da historia, enriquecidos, é verdade, pelas civilizações antigas, mas contribuindo elementos novos. Nada disto aconteceu com a America moderna. Os Europeus, quando conquistaram as terras das Americas, destruíram quase completamente o que lá encontraram, e o elemento indio quase não entra na civilização dos Estados Unidos, da Argentina ou do Brasil. Mesmo no México, unica excepção dessa regra, não podemos falar de uma civilização nova, porque o elemento latino é tão mais poderoso de que o azteca que o domina. As Americas são portanto um mundo novo somente num sentido muito restrito, são novas geograficamente, e talvez novas porque formam um mosaico de elementos antigos em combinações novas. O mesmo teria acontecido no mundo antigo, se os gregos da Magna Grecia tivessem vencido os Romanos, se Carthago tivesse vencido e eliminado os celt-iberos, se as colonias gregas e punicas na Gallia tivessem exterminado os Gallos, se os etruscos tivessem dicimado os Germanos. Mas aconteceu justamente o contrario, os gregos, os fenicios, os etruscos foram vencidos e foi por isto que surgiu no ocidente um mundo inteiramente novo. Imaginem, se os Aztecas tivessem vencido os Espanhois, os Sioux e os Algonquins os Inglezes, os Tupis os Portuguezes, os Caribes os Francezes, mas se, nessas lutas, se tivessem civilizados, isto é, se tivessem apreendido praticamente tudo que os europeus sabiam. Não teria surgido na America um mundo verdadeiramente novo? Foi isto que aconteceu na metade latina do Imperio Romano. Um Senador Romano, um comerciante Gallo, um Guerreiro germanico devem ter parecido, aos olhos dos gregos e judeus da época em consideração, como teria parecido aos olhos de um francez ou inglez moderno um senador Americano que usaria penas na cabeça e skalpes no cinto, um comerciante brasileiro que pintaria o rosto com traços ocres e circulos roxos, e um general argentino que usaria uniforme europeu, mas cuja mulher e filhos andariam nus no meio da rua.

mas o ocidente Romano era novo não somente neste sentido cultural, ele era novo também, porque era moço. Tinha reservas de vitalidade ainda não mobilizadas, ele tinha um capital sobre o qual quase nada tinha sacado. Nas florestas europeias se escondiam essas reservas, esse capital não utilizado, e nos pradós atraz dessas florestas, e nas estepes atraz desses pradós. Eram os barbaros germanicos e eslavos que esperavam por ser civilizados e incorporados no mundo latino. Imaginem se nos Estados Unidos existiria um Nova York exatamente como existe, mas aonde hoje está Chicago morariam tribus selvagens parentes dos novaiorquinos, tanto assim que um advogado da Wall street teria um primo de segundo grau que seria um guerreiro hurone, e Vocês estariam imaginando a situação real do ocidente romano. Digo tudo isto para mostrar, até que ponto o mundo ainda era novo no tempo em consideração, a despeito de toda decadencia e de todo desespero, ou, mutatis mutandis, a té que ponto o nosso mundo é velho a despeito de toda esse fanferronada da America como um mundo novo.

A grande massa das populações do ocidente Romano era, e óuse dizer, ainda é, de origem celta. Esse povo que originalmente ocupava praticamente toda a Europa, do Norte da Alemanha até o Sul da Espanha, da Hungria até a Inglaterra, é, biologicamente falando, provavelmente o antepassado de todos nós aqui presentes. Os nossos preconceitos nacionais e culturais nos fazem pensar que descendemos de romanos ou de judeus, de germanos ou de eslavos, mas creio se os nossos avós do tempo de Cristo estivessem reunidos em redor desta meza, a grande maioria seria constituída de agricultores e guerreiros celtas. Pouco vou falar da herança espiritual que nos foi legada por esse povo, porque se trata de uma herança de difícil articulação, ela é quase toda inconsciente. As nossas lendas e os nossos contos, (Märchen und Fabeln) são, em sua maior parte, de origem celta. E provavelmente também os nossos sonhos infantis e febris, e as nossas fantasias. Os psicoanalíticos nos ensinam que os contos populares são os sonhos coletivos da sociedade, ou, vice versa, que os sonhos individuais são a lembrança de contos aparentemente esquecidos. Podemos portanto reconstituir o espírito celta, se nos lembramos dos dias de nossa infância, de branca de neve, dos sete anões, da bruxa com a maçã envenenada, de capuchinho vermelho, do lobo mau, da bela adormecida, do gigante Ruebezah, e creio que entramos, dessa forma, em contato muit mais direto com a alma celta do que especulando sobre os sacerdotes druidas ou sobre merlino. As crenças barbaras e fantásticas dos celtas foram, muito cedo, substituídas pela fé cristã, mas toda a Idade media testemunha a tentativa das superstições celtas de resurgir sob o manto do cristianismo. As literaturas em torno das lendas de Rei Arturo, de Launcelot e de Percival, de Tristão e de Galahad, são tentativas de oficialisar e cristianisar o espírito celta. O medo das bruxas, e os esforços dos alquimistas nas ruazinhas góticas das cidades medievais devem muito a herança dos celtas. Mas não é sómente o lado escuro, o lado magico e infantil da nossa alma que devemos aos celtas. Não nos esqueçamos que quando o Ocidente estava mergulhado nas assim chamadas trevas medievais, quando os Germanos triunfavam em toda metade latina do mundo romano e o espírito da civilização estava refugiado em ilhas, nos mosteiros, circundadas pelo mar revoltado de barbarismo e ignorancia, as partes celtas, aquelas partes não invadidas pelos Germanos, principalmente a Irlanda, mantiveram viva a chama da herança latina. O despertar do espírito ocidental nos seculos nove e dez se deve tanto aos monges celtas quanto aos sufis islamicos e comentaristas judeus. Portanto creio que a influencia do espírito celta sobre o nosso é dupla: de um lado representa um substrato infantil e magico, que podemos observar nos jogos das nossas crianças e na interpretação dos nossos sonhos, mas talvez também nas manifestações da superstição e da histeria coletiva tão típicas do fachismo, que são chamadas "witch hunting" nos Estados Unidos, e do outro lado representá um contra-peso contra os fundamentos germanicos da nossa alma.

Falei horas a fio dos judeus e gregos. Falarei, provavelmente, horas a fio dos germanos, mas os celtas eu liquidei em poucos minutos. Isto não quer dizer que os considero menos importantes para a explicação do nosso pensamento. Simplesmente não creio que a influencia celta pode ser formulada, ela tem que ser sentida. O nosso medo do Erlenkoenig, ou seu equivalente em portuguez ou Ingles, é tão real e tão importante quanto quanto a nossa ideia do logos ou do pecado, mas é um medo inarticulado e nunca, na historia do Ocidente, foi realmente articulado. O espírito celta dentro de nós está quase inteiramente encerrado no nosso inconsciente.

Ao norte e ao leste dos celtas moravam, na época que consideramos, as tribus semicivilizadas e barabras dos germanos. Enquanto os celtas se entregaram com relativa facilidade primeiro ao jugo dos Romanos, e mais tarde, ao jugo do batismo, os germanos resistiam ferozmente a ambos. Grande parte dos Germanos nunca foi conquistada por Roma, grande parte deles era pagã ainda no seculo onze, e, se bem que todos os Germanos são oficialmente batizados nos nossos dias, óuse dizer que realmente muitos continuam alheios ao espírito do cristianismo. Não falarei hoje dos germanos, porque considero que no primeiro seculo a sua influencia sobre a civilização não se fazia ainda sentir em toda a sua força. Falarei deles mais tarde, quando tratar do espírito eclesiastico

-3-

e feudal, porque os Germanos são os fundadores da Europa medieval, e os autores da chamada civilização cristã-germanica, pela defesa da qual tantos milhões de vidas são sacrificados periodicamente. Graças a Deus, não é necessário ocupar-se dessa civilização tão cedo, no tempo do nascimento do Cristo, era desconhecida.

Os outros povos do ocidente latino, os fenícios e os iberos, os etruscos e os africanos, e os restos da população primitiva Europeia que talvez persistiam nas aldeias montanhesas, esses não considerarei, porque quase nada sei a respeito e creio, em consequência, que sua influencia sobre nós pode ser ignorada. Peço-vos de compartilhar comigo nesse preconceito fundado na ignorância e de se consolar com o pensamento seguinte: Os fenícios não devem ter sido muito diferentes dos seus parentes orientais, e a influencia deles sobre nós deve ter sido a mesma que entrou na formação do espirito judeu. Os etruscos foram absorvidos pelos romanos, e portanto a influencia deles sobre nós surgirá a luz quando forem discutidos os romanos. E quanto aos iberos, africanos etc., vamos esquecer-los por falta de tempo. E com essas desculpas posso finalmente abordar o verdadeiro tema desta noite, o povo romano.

Quando a palavra "romano" resoa no nosso ouvido, cria um eco no nosso intimo que pode ser muito bem caracterizado pela palavra brasileira "saudade". As colinas no curso inferior do Tiber são, pelo menos para aqueles entre nós que tiveram educação secundaria, uma segunda patria, senão a primeira. "Civis romanus sum", ainda hoje, depois de dois mil anos, se conserva algo do orgulho e da prepotencia que acompanham essa frase, e que se aplica tanto a nós quanto aos pais e conscriptos. Mas é preciso libertar-nos de todo sentimentalismo: se quizermos ver claro o que nos legaram os nossos maiores latinos: Talvez chocarei alguns entre vós se confessar que tenho pelos Romanos uma profunda antipatia, e que considero a tremenda influencia que tiveram sobre a civilização ocidental, geralmente nefasta. Tenho a coragem desta confissão porque me considero tão latino quanto Vocês, pois a latinidade é muito mais resultado do ginasio de que da nacionalidade.

Quando menino sempre me admirei que foram justamente os fazendeiros de Roma que conseguiram conquistar e pacificar o mundo, e não, por exemplo, os exportadores de Carthago ou os atacadistas de Siracusa ou os latifundiarios de Alexandria. Procurei a explicação, como qualquer menino, em razões geograficas, economicas ou sociais, dizia que Roma era estrategicamente bem colocada, que tinha uma economia sadia e assim por diante. Mas hoje eu creio que descobri a verdadeira razão para o exito romano. Os romanos eram o povo que mais queria, que mais desejava o dominio do mundo, que perseguia o exito com uma obsessão monomaniaca, e por causa disso e conseguiu. A qualidade romana que garantiu o exito politico e economico do povo romano, é a qualidade que sempre garante um exito economico e politico: a persistencia baseada na falta de fantasia. Os romanos se distinguiam de todos os outros povos, de todos aqueles povos cultos e barbaros, que foram vencidos pelas legiões; por uma coisa basica: o interesse exclusivo dos romanos por uma unica coisa, por Roma. O pensamento romano não foi perturbado por considerações filosoficas, ou religiosas, ou artisticas, ou misticas, ou magicas, todas essas bobagens não preocupavam os romanos, o pensamento romano se concentrava sobre coisas reais: o ager, o pecus, a res publica, a familia, em breve a organização da fortuna e da autoridade. Não nego que no fundo do pensamento romano se escondiam superstições magicas, não nego que os romanos tinham uma religião como qualquer outro povo, não nego que produziram algo que se pode chamar de arte, mas tudo isto, na época historica, tinha sido relegado radicalmente ao subconciente e vivia principalmente entre as classes baixas, era plebeio. A magia, a religião, a arte, para o patricio esclarecido, servia para manter a autoridade do pai na familia, do senado na república, eram medidas de disciplina. Para o incremento da agricultura as festas religiosas na primavera e no outono eram indispensaveis, e as demais festas dos diversos deuses aumentavam o movimento comercial, como hoje o dia das mães ou o dia dos namorados. Com o exito politico e social, com o crescimento do Imperio, esta austeridade romana para com as artes, as religiões e a filosofia diminuía. Na época em considerações os patricios conservadores observaram co-

inquietação que a juventude transviada se interessava por artes e filosofias. Até os nossos dias temos que aprender na escola as advertências contra tais atividades nefastas, como foram administradas por Cato, por Cícero, por outros defensores da austeridade romana. Mas, felizmente, Cato e Cícero se preocupavam sem necessidade. É verdade que os Romanos ricos se começaram a interessar pela arte e filosofia, compravam estatuas, mandavam escrever poesias, organizavam discussões filosóficas, pagavam escravos gregos para ensinar aos meninos Platon e Aristoteles, mas fizeram tudo isto num sadio espírito romano. Tinham, no fundo, um sadio desprezo pelos artistas e filósofos gregos, meros escravos. É claro que um senador romano era um senhor muito culto, não somente ela limpava as unhas e bebia vinhos preciosos, mas apreciava, depois do banho, uma bela estatua ou uma bela poesia. Mas tudo isto num espírito superior, era o senador um Seigneur du monde, e não um entusiasta como os escravos gregos sujos ou os fanaticos judeus piolentos. A arte, a filosofia, a religião, são preocupações a serem indulgadas depois do trabalho ou nas férias, mas nunca devem prejudicar as preocupações serias, como a importação de trigo, a organização das legiões ou a cobrança dos impostos. Foi por este espírito que os romanos conquistaram o domínio sobre o mundo, e não resta duvida que o mereceram.

Se Vocês compartilham comigo na profunda antipatia que esse povo razoavel inspira, então compreenderão que eu considero uma das piores catastrofes da historia da humanidade o fato de o cristianismo se ter tornado religião oficial do imperio romano. A marca do espirito romano, tão visivel e tão indelevel em todas as nossas atividades economicas e juridicas, o é, infelizmente, tambem nas nossas atividades religiosas em em nossas crenças, graças a Igreja. A Igreja Catolica é a continuadora do Imperio Romano latino, a Igreja Orthodoxa a continuadora do Imperio bizantino, tambem muito latino, e tambem os protestantes, lutadores contra Roma, continuam, como posteriormente mostrarei, profundamente romanos. Os proprios judeus, em sua luta milenar contra Roma, não puderam escapar de sua influencia e se tornaram romanos. Os elementos romanos dentro da Igreja são sem numero, não adianta querer menciona-los. A lingua liturgica, a organização legal, a função administrativa dos magistrados, toda esta aura mundana tão tipica da Igreja cristã em comparaçã com as religiões orientais, são típicas consequencias do espirito romano. Quando Constantino converteu o Imperio para o cristianismo, o que realmente fez foi converter o cristianismo em Imperio romano. Desse golpe o cristianismo nunca se refez, a despeito de tentativas milenares. Os bispos, primitivamente uma sintese de rabinos com sacerdotes orficos, se tornaram administradores e ministros e contiuan se-lo. O proprio Papa é Santo Padre, Vicario de Cristo, e, ao mesmo tempo, Pontifex maxumus e Senhor Soberano. A chave do Reino caiu nas mãos de politicos e juristas.

Como verificarão, me limito de discutir os romanos somente como passo preparatorio do cristianismo. A influencia enorme que os romanos tiveram sobre todas as demais atividades do espirito ocidental discutirei à fur e mésure, quando surgirem os problemas. Tendo em mira somente o cristianismo, peçovos de imaginar o processo psicologico que conduz para o batismo de um centurio, ou um diretor de um circo, ou um fiscal de renda. Quando falei, na semana passada, em milagre do cristianismo, tinha principalmente esse processo em mente. A primeira reação do romano contre o cristianismo não podia ter sido de odio ou de inimizade, tinha, por força, ter sido de nojo. Creio que quando Pilatus lavou as mãos, era realmente porque se sentia sujo por ter que mexer nessa sujeira judia que era o cristianismo. Mas quando, mais tarde a superstição cristã se arrastou e pôz em perigo a disciplina entre os escravos e até entre os legionarios, o caso ficou mais serio e tinha que ser tratado adequadamente. Esses judeus sujos, esses cristãos, se tinham tornado perigosos para a paz romana, eram, portanto inimigos da Humanidade e precisavam ser eliminados. A grande surpresa, no entanto, era a forma, pela qual estes seres nojentos, que nem mereciam o nome de gente, reagiam. Eles pareciam não ligar para os seus perseguidores, eles pareciam desprezar os romanos tanto quanto eram por eles desprezados. E pareciam desprezar a propria morte.

Quando os cristãos judeus e gregos morriam cantando diante dos olhos incredulos do publico romano nos teatros, demonstrando assim, que para eles esse publico, e esse teatro, o todo esse imperio romano com seus templos e seus aquedutos, com suas legiões e seus impostos, simplesmente não existia, começou surgir uma terrivel duvida na mente dos espectadores: Quem é o louco aqui, eles ou nós, porque um dos dois tem que ser louco? Evidentemente nós, os Romanos, somos razoaveis, e eles são fanaticos, mas, quem sabe, nós somos loucos justamente por sermos razoaveis. Creio que foi um processo psicologico mais ou menos nesses moldes que fez com que Roma se tornou cristã sem deixar de ser Roma. E quando surgem os primeiros pensadores cristãos de cultura latina, Santo Ambrosio, e Santo Agostino, essa revolta psicologica contra si mesmo, esse cor inversum in se ipsum, se torna evidente. O coração virado contra si mesmo, não conheço frase nenhuma que possa descrever melhor o cristianismo latino. E com essa frase dei, acredito, a base para toda a historia da civilização ocidental a partir do cristianismo.

Tentei, hoje e na semana passada, desenhar o palco sobre o qual se desenrolará o drama do cristianismo, que, em seu torno, não é outra coisa do que o primeiro ato do nosso proprio drama. Abandonarei, nas proximas vezes, o metodo historico de exposiçãõ, para voltar ao metodo introspectivo. Falarei diretamente do espirito do cristianismo como ele vive dentro de todos nós nos nossos dias atuais, e tentarei analisa-lo em função do nosso mundo moderno. Não mencionarei mais as influencias judaicas, gregas, persas, hindus, celtas, romanas que se uniram para formá-lo. Espero que ficaram demonstradas.